



Visões da liberdade

As narrativas sobre a abolição elaboram muito mais que as tradições familiares, agregando as diversas construções sobre o processo com que os narradores tomaram contato, das cerimônias cívicas às novelas e filmes sobre o tema exibidos na televisão. A concepção mais presente é a da liberdade obtida enquanto dádiva concedida pela Princesa Isabel. Esta visão não elimina, porém, uma memória mais fragmentada, ainda assim bastante evidente, dos diversos conflitos que antecederam o 13 de maio. Destaca-se, especialmente, as narrativas sobre as disputas entre os ex-senhores pelo trabalho dos libertos. As alforrias coletivas, as fugas de escravos em massa que antecederam a aprovação da Lei, as dificuldades em contar com as forças repressivas para recapturar os escravos fugidos são elementos do processo abolicionistas que se fazem presentes nas narrativas registradas.

Papai contava que a Princesa Isabel...

Ipanema era do rei, não? Uma fazenda do rei, que tinha aqueles negros escravos todos trabalhando ali... Tudo nu! Eles tinham só uma calcinha branca, daqui até aqui, de algodão puro! E trabalhando... faziam não sei o que ali. Tinha serviço com pedra! Então ela veio e olhou aqueles escravos trabalhando, sofrendo... Ela ficou com tanto dó! Aí ela falou pra aqueles que estavam dirigindo os escravos que cortassem no braço deles e no braço de um escravo pra ver se o sangue que corria não era igual! E dali ela voltou revoltada. E aí que ela declarou a lei áurea. Assinou a lei da liberdade. (Benedita, SP, 80 anos, 15/08 e 16/08/1987)

Não me lembro a quem pertencia, quem era o dono da fazenda daquela época, porque o meu pai não falou o nome de quem era dono. Ele contava que o fazendeiro lá, queria adiantar essa libertação do povo. Por causa disso, os outros fazendeiros ficaram com raiva dele, porque ele queria libertar os dele. Ele falou: “acho que vou libertar os meus, vou acabar com esse negócio de escravatura aqui na fazenda, e vou libertar os meus escravos”. E aí ele tratou, combinou tudo, falou que ia libertar os escravos dele, que ia libertar os escravos, os outros ficaram com raiva dele, todos os fazendeiros que viam ele falando isso, ficavam com raiva. A vontade deles era matar ele. Meu pai contava. Ele veio uma ocasião à cidade tratar para fazer uma grande festa na fazenda dele. Nesse dia da festa ele ia libertar todos os escravos dele. Todos os escravos dele. Ele veio tratar, fazer a combinação da festa, vinha não sei o que do Rio para fazer uma festa com música. Os outros fazendeiros estavam com raiva dele, porque ele ia libertar os escravos, porque ele não queria mais negócio de escravatura, ele queria adiantar aquilo. Então meu pai disse que quando chegou aqui perto da estação de Paraíba do Sul, assim foi contado pra ele, disse que essa amiga dele chamou o fazendeiro e deu café a ele numa xícara de café, levou na bandeja, ele tomou o café...

(...) aí ele começou sentir dor de cabeça, uma dor de cabeça que era uma coisa horrorosa, e foi com aquela dor-de-cabeça para a fazenda. Chegou na fazenda com aquela dor-de-cabeça, que não sabia o que fazer. Aí mandou chamar um outro fazendeiro, naquele tempo o fazendeiro era metido a médico, chamavam o fazendeiro de butiqueiro, levava remédio, tinha remédio para dar às pessoas, então levou o remédio para dar a ele, levou uns remédios para dar a ele, foi uns três ou quatro fazendeiros lá para fazenda. Chegando lá ficaram lá com ele na fazenda, dando remédio, aquela noite toda, levou o dia dando remédio, mas aquilo outro, quando chegou... não tinha médico naquela época, não sei... então diz que chegou no outro dia ele morreu, o fazendeiro morreu. Então acharam que ele foi envenenado, com aquele negócio de eles estarem com raiva dele, dele querer libertar o povo dele, o pessoal da fazenda, então o envenenaram. Diz que depois, então, não demorou muito tempo veio a libertação dos escravos. (Izaquiel Inácio, RJ, 72 anos, 19/09/1994) ***

Teve a fazenda – essa fazenda desse homem que era mal – em que os escravos fugiram todos. Na cabeça da ponte de Petrópolis tinha uma mata, dizia mamãe, então, esse pessoal fez rancho ali dentro daquela mata e tudo, e levaram até padre. Naquele tempo quem governava esse negócio de religião era padre. Sabe que eles levaram o padre? Sabe o que o padre fez? O padre escreveu no papel pro fazendeiro, dono dos escravos, que levasse a polícia lá..... pra apanhar os escravos. O padre, hein! Quando foi, mamãe contava, quando foi no dia que a polícia foi, então diz que o padre mandou juntar todo mundo assim, juntar aqui numa casa grande, num salão grande, aí, aí o padre, na missa que o padre fazia.. o padre fazia assim “me cerca, me cerca, me cerca”...ele virava pro pessoal da polícia: “me cerca, me cerca”. Quando os negros viram o grupo de polícia, ah, meu filho, mamãe disse que foi uma coisa terrível! Que mulher apanhava criança, botava assim no braço, atirava com a criança dentro do rio, coitada. E a polícia cercando, cercando a mulher pra não cair no rio. “Ai, ai, eu não vou voltar, eu não vou voltar, eu prefiro morrer do que voltar”. Ninguém queria voltar. Não tinha ordem de bater, a polícia mesmo foi sem ordem de bater, sem ordem. Aí ficavam segurando pra mulherada não cair dentro do rio. O rio Petrópolis, disse que é muito grande. Vocês já foram em Petrópolis?

Ah, é do tempo da mamãe, a mamãe contava pra gente. Ah, ela contava que ela ouvia os outros falar! (C.M.S., E.S., 75 anos, 04/07/1995)

Aconteceu a libertação e eles vieram acabar aqui. Meus avós fugiram pra cá. Meus avós que eram escravos, então eles fugiram cá pra fazenda, essa fazenda aqui e esse doutor Ferraz que era muito bom acoitou eles. Eles saíram da fazenda onde eles eram cativos e vieram pra cá, depois do cativo eles vieram pra cá. Depois que ganhou a liberdade eles ficaram tranquilos aqui, mas eles fugiram. Quando eles chegaram aqui ainda não tinha tido a liberdade.

O Vovô Pedro veio vendido da África pro fazendeiro e aí fugiu desse fazendeiro pra essa fazenda que também tinha um fazendeiro. O Dr. Ferraz acoitou. Acoitou e depois que eles estavam aqui aí veio a libertação e aí eles continuaram aqui mesmo. (Manoel Seabra, RJ, 78 anos, 10/12/1998)

A questão da permanência ou abandono das antigas fazendas e a possibilidade da mobilidade espacial como recurso de sobrevivência organizam a maioria das narrativas sobre os primeiros tempos logo após a emancipação. Em dois momentos diferentes, D. Zeferina, moradora ainda hoje nas terras da antiga fazenda em que seus avós foram escravos, narra os acontecimentos que se seguiram ao Treze de Maio enfatizando as duas faces desta moeda. Moeda que balizará as possibilidades de realização do projeto camponês que informava as expectativas de liberdade dos últimos libertos.

Contavam que quando acabou o cativeiro, o dono lá bateu o sino, chamou eles tudo pra roda, aí quando eles chegaram no terreirão, ele gritou: ‘De hoje em diante vocês passam a ser senhor do seu destino, vocês não precisam trabalhar pra mim, trabalhem pra quem vocês quiserem’...e voltou pra dentro de casa chorando e eles como bobos ficaram imaginando o que tinha acontecido com o senhor, porque eles não sabiam porque ele chorava. E agora? Como ia ser pra alimentar aqueles meninos todos lá ? Aí depois ele tornou a explicar, o capataz dele explicou e mandou eles trabalharem. Aí depois foi explicando, explicando, até que eles entenderam que podiam trabalhar pra outro. Aí foi trabalhar pra fora, ou já começou a entender, aí já veio os filhos e foi indo e já foi saindo pra trabalhar pra fora. (D. Zeferina, RJ, 66 anos, 15/05/1995)

Quando chegou o tempo...o dia 13 de maio, o dia da libertação, o senhor bateu o sino e desceu gente deles ...mandou um empregado, capataz. Capataz, naquele tempo era capataz. Bateu o sino e o capataz foi lá na roça e os negros subiram todos pra fazenda. Chegaram na fazenda e ficaram todos no terreiro lá esperando e ele saiu lá na janela : “de hoje em diante, vocês são senhor de seu nariz, cada um vai fazer pra si, eu não tenho mais conta com vocês não” ... a liberdade. Mas ainda teve um bocado de bobo que chorou, chorou porque não sabia como é que ia comer, como é que ia viver. Só conhecia ali na fazenda, aí pegaram, choraram : “como é que a gente vai fazer sem o senhor ajudar nós? “. Eles não

sabiam que eles é que estavam ajudando o senhor. “Nós não temos modo de viver” . Aí foi indo e ele falou : “Vocês vão trabalhar pra mim mesmo, cada um pega o seu talhão de café”, aí trabalharam aí mesmo ...papai ,mamãe, vovô...vovó .(D. Zeferina, RJ, 66 anos, 15/05/1995)

O pai dele foi cativo nessa fazenda, depois veio a liberdade e ele continuou trabalhando na fazenda. Ah, aqui naquele tempo, quando veio a liberdade, o patrão gostava do trabalho, então ficou. Ficou naquele setor mesmo (A.R.S., ES, 09/02/1994).

Viveram como escravo até o fim da escravidão, terminaram aí. Depois acabou o cativo, ficaram como colono. Meu avô que contava, meu pai, meu pai também alcançou bastante. O meu pai nasceu como ventre livre mas já... conheceu muita coisa.

Naquele tempo o senhor misturava muito com as negras, e vinha o mulato. Tinha aquele abolicionista mulato, como é que chamava? Luís Gama. (...) Eu acho que Antônio Bento também era mestiço... e eles aprendiam ler, os mesmos senhores ensinavam eles. O Luís Gama era advogado, não? Ele foi um dos grande abolicionistas. Tinha Luís Gama, Antônio Bento, Dr. Luís Carlos da Assunção... O Dr. Luís Carlos era de Tietê. Nos dias de 13 de maio nós fazíamos as festas, e aquelas meninas declamavam. Tinha uma que dizia um recitativo que era assim:

“Queremos que digam viva

Pra Dr. Luís Carlos da Assunção

Se não fosse Dr. Luís Carlos

Não acabava a escravidão”. (Benedita, SP, 80 anos, 15/08 e 16/08/1987)

Depois que terminou a escravidão meus pais não ficaram na mesma fazenda. Os escravos foram todos se mudando, foram saindo. No tempo do cativo havia muito café aqui, mas os camaradas foram largando os fazendeiros... iam embora, saíam da fazenda, não ficavam mais. E os fazendeiros queriam pagar eles pra ficar, mas eles não ficavam.

Meu pai trabalhava assim de volante...saía de uma fazenda, trabalhava na outra, não era colono, trabalhava os dias que precisava trabalhar. Quem ficava na fazenda tinha que continuar a morar na senzala. Ninguém queria. No final, cada um já tinha suas casas na roça. Um tinha uma casa aqui, outro lá. Casas separadas um do outro. Todo mundo tinha uma casa na roça. (S. Julião, RJ, 81 anos, 27/10/95)

Cada um ganhou uma coisinha lá e saíram pra viver. Um ganhou uma vaca de leite, outro lá ganhou um animal e começou a vida assim. O terreno aquele tempo era barato, então eles requeriam os pedacinhos de terra, pequenininhos, que davam pra fazer uma casinha pra cada um ter. Mas não era dentro da própria fazenda não. Quando a Princesa Isabel gritou a liberdade eles saíram... Só ficaram lá antes de saber que eles eram libertos. Quando foram libertos eles saíram. (M.L.F., ES, nascida em 1916, não consta a data da entrevista)